

A ESCOLA NO SÉCULO XXI

Arcângelo SCOLARO¹
arcangeloscolaro@hotmail.com

RESUMO

É muito comum na atualidade a discussão sobre a função da escola para a vida social e para o futuro dos jovens. Há um pensamento ainda muito mítico com relação à escola, como se ela conseguisse resolver os problemas das desigualdades sociais. Esse pensamento mítico encontra-se ainda em voga junto à população mais empobrecida e, de modo mais especial, entre os jovens da roça. No mundo acadêmico o pensamento vai desde o pensamento do funcionalismo no qual a escola é inculcadora dos valores da sociedade vigente, responsável assim pela manutenção da ordem social e, por isso, tem a função da coesão social, até o pensamento revolucionário que pensa a escola com forte capacidade para as transformações sociais necessárias. No meio termo temos idéias de escola como instrumento de reprodução e legitimação das desigualdades sociais e, por outro lado, ainda aqueles que vêem a escola com possibilidades de transformação desde que aliada a outros movimentos sociais dos trabalhadores. Para este estudo nos utilizamos de autores como Émile Durkheim, Karl Marx, Pierre Bourdieu e István Mészáros. Foi realizada também pesquisa junto a escolas do campo e escolas do meio urbano e assim analisar o que os jovens e professores dizem a partir da teoria dos autores apresentados.

Palavras chave: Escola – desigualdades – transformação – legitimação – cidadania.

1. INTRODUÇÃO

A escola tem sido objeto de muitos estudos, muitas pesquisas ao longo dos últimos séculos. Estes estudos e teses vão desde a idéia de sua eliminação como instituição social, até a idéia da valorização máxima como instrumento a serviço da classe trabalhadora. As idéias correntes vão, portanto, da escola como legitimação da situação até a idéia da libertação pela escola.

Este é um tema que continua sempre atual e polêmico pelas várias correntes até hoje existentes. A escola passou por muitas mudanças, muitas reformas, porém continua sempre com sua função de socialização e de enquadrando dos indivíduos em sua função com relação à sociedade.

Uma parcela dos trabalhadores, especialmente os trabalhadores do campo ainda continuam acreditando na escola como um ou até mesmo o único instrumento para a

¹ Professor de Fundamentos de Educação da UEG Campus de Goiás e Itaberaí, professor de história pela Secretaria Estadual da Educação, mestre em Ciências da Religião e doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

ascensão social de seus filhos. Os trabalhadores dos bairros dos grandes centros urbanos já não se iludem tanto com a escola como meio de transformação social ou mesmo de mudança individual de vida, entretanto reconhecem nela valores e a valorizam como suplência de suas carências quando esta oferece, por exemplo, bolsa escola, possibilidade de lazer, lanche escolar, etc. ou mesmo para conseguir um emprego ou então conquistar um cargo mais interessante.

Diante dessa realidade, nos perguntamos: que sentido tem a escola hoje? Qual o real alcance deste instrumento tão valorizado por alguns e desacreditado por outros? Tem sentido ainda hoje uma luta por uma escola de qualidade? A escola ainda é um instrumento no ideal de construção de uma nova sociedade? Estas e outras questões nos intrigam e nos instigam à pesquisa. A pesquisa é realizada por meio de autores clássicos e atuais e na realidade escolar de campo e periferia de centro urbano.

2 A ESCOLA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

A história da humanidade e da pedagogia revela a importância que a escola ocupa na sociedade humana, especialmente nas mais complexas da modernidade, onde ela existe formalmente. Grandes filósofos, sociólogos, educadores, cientistas em geral se ocuparam com o tema. Todos chegam a conclusão que é através da educação escolar que a pessoa humana reafirma intensamente o seu processo de socialização.

Entre estes grandes pensadores podemos destacar Émile Durkheim como um de seus grandes representantes que muito se ocuparam com o tema da educação. Durkheim em suas pesquisas revela uma posição muito positiva em relação ao papel exercido pela educação na sociedade. A educação seria a responsável para que a sociedade pudesse manter sempre pessoas capacitadas para exercerem as mais diversas funções, pois uns foram criados para refletir e outros para agir. Além disso, a educação é responsável pela formação do ser social, pois para ele “o ser social não nasce com o homem, não se apresenta na constituição humana primitiva, como também não resulta de nenhum desenvolvimento espontâneo. Espontaneamente o homem não se submeteria à autoridade política; [...] (DURKHEIM, 1975:42). E mais, “A educação perpetua e reforça, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva” (Durkheim, 1975:41).

A intenção com relação à educação, e ela é pensada no mundo moderno, especialmente através da escola, é a de que ela atinja de forma inequívoca a criança, que

ela imprima na alma da criança aquilo que a sociedade dos adultos, no caso a sociedade capitalista espera desta criança com relação ao futuro. Está presente aqui um elemento espiritual ou religioso para selar de forma definitiva o seu pensamento, esta é uma marca de quem foi um grande estudioso da religião, elemento que acaba utilizando para legitimar o seu pensamento. Desse modo de pensar é que resulta o seu conceito de educação, e Durkheim é muito claro em expressá-lo, ele não deixa dúvidas de que há uma preocupação da sociedade estabelecida, representada pela geração adulta de introduzir as crianças e os jovens no modelo social vigente. A família, a Igreja e especialmente a escola, entre outras instituições, automaticamente fazem acontecer este modelo de educação dentro da sociedade capitalista, como o faria dentro de outro modelo de sociedade também.

A educação não é, pois, para a sociedade, senão o meio pelo qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência. Mais adiante, veremos como ao indivíduo, de modo direto, interessará submeter-se a essas exigências.

Por ora, chegamos à fórmula seguinte:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM,1975:41).

A escola é umas das instituições que mais influência tem sobre as crianças e jovens. Para este modo de pensar a escola é a grande responsável pela moldagem das gerações mais jovens para uma boa convivência social e adaptação às regras e valores sociais vigentes. A escola inculca a idéia de que por ela, a criança ou o jovem vai ser alguém na vida. “A vida é difícil, é assim, é boa por um lado e por outro é difícil, eu acho que eu vou viver melhor na cidade, mas para isso eu tenho que estudar, como dizem os professores, para ser alguém na vida precisa estudar. (Jovem de assentamento, Itaberaí, 2009). Ser alguém na vida é buscar a inclusão na sociedade capitalista e de preferência na cidade. Os professores exercem a função de influência que impõe os valores da sociedade vigente.

3 – ESCOLA COMO LEGITIMADORA DAS DESIGUALDADES

Bourdieu é muito categórico ao afirmar a impossibilidade da educação e por consequência a escola vir a ser um instrumento de libertação dos trabalhadores, isto porque na sua essência ela é um instrumento de justificação das desigualdades sociais pelo fato de ela ser um fator de conservação social. Por mais que a escola tente se tornar

democrática, oferecer igualdade de condições, ela jamais dará conta de lidar com as desigualdades sociais, econômicas, e especialmente culturais que as crianças e jovens trazem de sua realidade para a escola. A escola neste caso é como uma competição e nesta competição aparentemente se dá as mesmas condições, as mesmas oportunidades para todos os competidores, porém uma minoria destes competidores já tem uma vida de atletas e a maioria é estreante nesta realidade e aí é lógico por mais que se ofereçam condições para que progridam os que têm este capital anterior sempre estarão à frente, não existem condições de igualdade e aí a escola neste caso só faz é justificar esta desigualdade.

É provável que por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário tudo tende a mostrar que ele é um dois fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 1998: 41).

Bourdieu, portanto, é incrédulo com relação à possibilidade de a escola possa ser um instrumento de libertação a serviço das classes menos favorecidas, pois para ele toda a escola é instrumento ligado ao sistema vigente, portanto conservadora. E ele vai mais longe quando considera que o sistema escolar é um sistema injusto e ela o faz e comete esta injustiça de uma forma muito camuflada, pois mesmo que ela aparente uma forma democrática e de oferta de possibilidades iguais ela sempre acaba protegendo os privilégios. É uma forma camuflada porque ela não faz abertamente uma transmissão de privilégios, ela simplesmente acaba legitimando aos privilegiados que ali chegam já nesta condição.

Ora se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios.

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 2000:53).

Ao analisarmos a nossa realidade podemos perceber isso claramente. Os camponeses acreditam na escola como um instrumento de libertação para os seus filhos porque não querem para eles a mesma vida, com as mesmas dificuldades e a falta de reconhecimento social pela sua profissão. “Eles são pequenos, porém, muito espertos e inteligentes e eles chegam para mim e dizem: Professora, eu vou estudar e quando eu crescer eu vou trabalhar lá na cidade, eu não vou trabalhar igual o meu pai. (educadora, Itaberaí, 2009). E mais cedo ou mais tarde acabam indo para a cidade em busca da realização deste seu sonho e acabam entrando no dito mercado de trabalho e se conformando com um emprego qualquer que eles consideram melhor do que a vida do campo ou então indo para os aglomerados urbanos e se desiludindo do sonho da escola como o trampolim para o sucesso, e aquilo que era sonho vira pesadelo. “A grande maioria deles estão aqui por causa do trabalho, estão estudando para conseguir um trabalho, um emprego. “A carência é tão grande que a maioria deles nem chega a pensar em vestibular” (educadora, Goiânia, junho de 2009).

4 E A ESCOLA LIBERTADORA?

Diante desta realidade exposta, podemos ainda acreditar na escola como um instrumento a serviço dos trabalhadores, a serviço das classes subalternas? A escola ainda poderá vir a ser uma aliada na busca do ideal de uma sociedade igualitária? A realidade ainda nos mostra que a escola com todo seu discurso de universalização, ou seja ‘educação para todos’, ‘educação para a construção de cidadania’, gestão democrática, etc., não produz resultados animadores, embora os trabalhadores de modo especial os camponeses continuem a acreditar na escola como uma das poucas formas de transformação de vida para os seus filhos.

Não é e nem vai ser a escola que vai romper com a lógica do capital, pelo contrário a escola em si e por si só inserida na visão capitalista de mundo apenas irá reformar e legitimar as suas idéias e diante disso fica muito evidente que não há como propor reformas ou mudanças superficiais, uma vez que essas mudanças nada mais farão que dar uma outra tonalidade à dominação e à hegemonia da classe burguesa. A escola deverá sofrer uma mudança radical, e se juntar a outras mudanças radicais e isto é o rompimento com a lógica do capital; do contrário se estará trabalhando em seu favor. Esta é a opinião de um dos Marxistas mais respeitáveis da atualidade, Istevan Mészáros: “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a

criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”. (Mészáros, 2007: 198).

Aqui retomamos uma de nossas questões iniciais e que é objeto de nosso estudo que é a viabilidade ou não da busca de uma educação de qualidade para todos e por outro lado o que se entende por educação de qualidade porque a educação que legitima as desigualdades que mantém os privilégios é considerada pela classe dominante como uma educação de qualidade. A nosso ver a educação de qualidade deverá seguir outros parâmetros.

Educação de qualidade será aquela que parte e aponta para uma nova visão de mundo. “Pois através de uma mudança radical no modo de internalização agora opressivo, que sustenta a concepção dominante do mundo, o domínio do capital poder ser e será quebrado”. (MÉSZÁROS, 2007: 210).

Assim, a educação de qualidade é sem dúvida a educação que busque a igualdade substantiva aliada ao desenvolvimento pois “a condição inseparável da busca por desenvolvimento sustentável é a realização progressiva da igualdade substantiva” (MÉSZÁROS, 2007: 185). E mais: “Sustentabilidade significa estar realmente no controle dos processos sociais, econômicos e culturais vitais, pelos quais os seres humanos não apenas sobrevivem, mas também encontram realização” (idem: 190). A verdade é que as desigualdades sociais nascem da divisão do trabalho. Esta divisão procede da distinção que existe entre trabalho intelectual e trabalho material ou trabalho manual.

A divisão do trabalho causou as desigualdades entre cidade e campo. (MARX E ENGELS, 2002) A dualidade ‘vida na cidade e vida no campo’ existe em função do exercício do trabalhador do campo e do trabalhador da cidade; ambos, na verdade, necessitam se unir, formando assim uma alternativa concreta para se contrapor ao capitalismo vigente. “A alternativa concreta a essa forma de controlar a reprodução metabólica social só pode ser automediação, na sua inseparabilidade do autocontrole e da auto-realização através da liberdade substantiva e da igualdade, numa ordem social reprodutiva conscientemente regulada pelos indivíduos associados” (MÉSZÁROS, 2007: 221).

Se a solução para uma sociedade de iguais procede através do controle dos produtores livremente associados, a questão da educação do campo não é um problema do campo; é sim um problema de todos os produtores e de todos os trabalhadores. Este é

um ponto crucial para se pensar em conjunto numa educação de qualidade que responda a todos os anseios dos trabalhadores.

5 A ESCOLA COMO FORMADORA DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA

A escola tem muito a contribuir para as transformações urgentes e necessárias até mesmo para que o nosso planeta seja viável, sustentável. A escola isoladamente, por certo, não dará conta desta missão, ela deverá se juntar a outras forças sociais. A escola é um dos veículos com grande força de internalização de valores e hoje este veículo está a serviço de ideais capitalistas, da idéia da competição, do individualismo, da conquista pelo mérito. Para Mészáros a escola é a responsável pela formação de uma nova consciência e é essa nova consciência que vai possibilitar uma nova visão de sociedade e do mundo, ela é responsável por uma contra-consciência. E para que isso aconteça é necessário que haja universalização da educação e do trabalho. Porém não simplesmente a universalização de qualquer trabalho, mas o trabalho com o seu pleno sentido ontológico e como uma atividade humana autorealizadora. (MÉSZÁROS, 2007: 215-217). A escola pode ser o caminho da nova consciência na medida que leva os jovens a pensar não apenas na solução de seu sonho mas na construção de cidadania. “eu acredito muito na escola como um instrumento para realizar o sonho, para construir cidadania”. (jovem de escola urbana, Goiânia, 2009).

O papel da educação é um papel fundamental para a construção de um novo metabolismo social que vai não só construir um novo modelo social como também garantir a própria sobrevivência humana. O mundo está em mudança e caminha inevitavelmente para o fim do sistema metabólico social capitalista. Este é o processo que está a caminho. Função da educação é a de dar condições para que as pessoas estejam habilitadas para comandar esse processo e assim só haverá uma transformação social ampla e emancipadora com a colaboração da educação e é por isso que ela deverá ser uma educação para além do capital. “A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo” (MÉSZÁROS, 2007:223).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto pode-se perceber que a educação e como consequência a escola são uma realidade ‘multi-significante’, isso quer dizer ela é um instrumento que serve tanto ao neoliberalismo escravizante e legitimador do status quo quanto a uma idéia de emancipação do ser humano, de um mundo de homens com as mesmas oportunidades e as mesmas condições.

Ato de educar como atividade fundamental da escola deverá ser um ato primordial de humanizar. E como o que distingue o ser humano de outro animal qualquer, é a capacidade de pensar, de saber e ter consciência que sabe a escola ainda cabe como instrumento para a construção de uma nova humanidade.

A escola, conforme autores como Mészáros, pode vir a ser um o lugar por excelência do debate, da construção de novos conhecimentos, da reafirmação da autonomia do ser humano, das perguntas incansáveis, da busca de uma relação democrática e colaboradora para a relação social democrática.

A escola ainda continua sendo uma possibilidade e uma possibilidade de ser um instrumento de certa forma revolucionário, na medida em que realiza a internalização de novos valores e se torne a contra-consciência, possibilitando assim a visualização de um outro mundo possível.

7. REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Escrito de Educação/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Organizadores). Petrópolis, Vozes: 1998.
- DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. São Paulo, Melhoramentos: 1975.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederich. A ideologia Alemã. 2ª ed. São Paulo Martins Fontes, 2002.
- MÉSZÁROS, István. Educação para além do Capital. In: **O desafio e o fardo do tempo histórico: O socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.